

O SUJEITO GRAMATICAL EM PERSPECTIVA: análise diacrônica e estratégias pedagógicas

Maria Izabel Alves de Oliveira¹

Fernando Augusto de Lima Oliveira²

Paulo Henrique Alves da Silva³

Resumo

Analisar as variações nas definições do termo *sujeito* no contexto gramatical ao longo de diferentes períodos históricos é o que sugere o presente estudo. Para tanto, o trabalho de pesquisa propõe-se a verificar as inconsistências existentes nas definições do termo em gramáticas, buscando contribuir com a compreensão por parte de estudantes e professores. Desse modo, pensando em desenvolver um material didático-pedagógico partindo desse pressuposto, foi elaborado um plano de aula que inclui a utilização do jogo pedagógico como ferramenta que visa abordar o conceito de *sujeito* de maneira interativa e prática, proporcionando aos alunos uma oportunidade de entendimento mais profundo e participativo desse conceito gramatical. Por meio de uma análise diacrônica a respeito das suas definições, encontradas nas Gramáticas da Língua Portuguesa desde 1496 com João de Barros até autores mais contemporâneos, destacam-se diferentes abordagens que podem levar a interpretações distintas e, por vezes, conflitantes. Desta forma, a relevância da pesquisa dá-se à medida que contribui com novas perspectivas do ensino da gramática, buscando superar incoerências conceituais e tornando o processo de aprendizado mais envolvente e eficaz. Sendo assim, a metodologia adotada no presente trabalho é a da pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica, uma vez que o estudo se vale de uma análise de Gramáticas da Língua Portuguesa, e aplicada, tendo em vista que traz uma proposta interventiva para o contexto de sala de aula com o jogo como instrumento pedagógico. Ademais, além das diversas gramáticas utilizadas no estudo, inclui referências aos estudos de Eloisa Pilati, que propõe a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, oferecendo novas perspectivas para o ensino da gramática.

Palavras-chave:

Didático-pedagógico; Gramática; Sujeito

Sobre os autores:

¹ Graduanda em Letras pela Universidade de Pernambuco-UPE.

E-mail: izabel.alves@upe.br | **Orcid:** <https://orcid.org/0009-0006-1607-3193>

² Doutor em Linguística e professor na Universidade de Pernambuco-UPE.

E-mail: fernando.augusto@upe.br | **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-8739-2825>

³ Especialista em Linguagens e suas tecnologias pela Universidade Federal do Piauí-UFPI e professor na rede estadual de Pernambuco.

E-mail: paulo.henriquealves@upe.br | **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-8476-3889>

INTRODUÇÃO

A compreensão do termo *sujeito* no contexto gramatical sempre representou um desafio tanto para educadores quanto para estudantes, dado seu caráter fundamental na estruturação sintática das línguas. Neste artigo, propõe-se uma investigação sobre as variações nas definições do termo ao longo da história, analisando como estas influenciaram e ainda influenciam o ensino e a aprendizagem da gramática. A relevância desta pesquisa decorre não apenas da necessidade de esclarecer as diversas concepções de sujeito presentes em diferentes períodos históricos, mas também da busca por estratégias didáticas que possam ser eficazes para o ensino.

Historicamente, as definições de sujeito têm variado desde a gramática tradicional até as abordagens contemporâneas, o se pode analisar evolução conceitual. Isso resultou em um rico, porém complexo, espectro de interpretações. A pesquisa visa identificar e analisar estas variações, com o objetivo de compreender suas implicações para o ensino de gramática na atualidade.

A inovação dessa abordagem reside na proposta de um plano de aula para o 7º ano do fundamental que incorpora o uso de um jogo pedagógico, visando oferecer uma experiência de aprendizado mais interativa e prática para os estudantes. Ao tratar o conceito de sujeito através de uma metodologia lúdica, espera-se não apenas facilitar a compreensão desse elemento gramatical, mas também estimular o envolvimento e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem.

Metodologicamente, este trabalho adota uma abordagem qualitativa, aplicada e bibliográfica, fundamentando-se na análise de gramáticas da língua portuguesa, desde as primeiras compilações de João de Barros, em 1496, até obras de autores mais recentes. Além disso, recorre-se aos estudos de Eloisa Pilati, que oferecem um novo olhar sobre o ensino de gramática por meio da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa.

Assim, este estudo não apenas reflete sobre as diferentes concepções do termo *sujeito* e suas implicações pedagógicas, mas também contribui para a elaboração de métodos de ensino que esperamos ser eficientes e engajadores. Ao explorar as variações históricas na definição de sujeito e propor estratégias didáticas inovadoras, esta pesquisa visa enriquecer o campo do ensino de língua portuguesa, promovendo uma aprendizagem significativa e dinâmica.

Portanto, inicia-se com uma explanação sobre as diferentes visões de gramática - normativa, descritiva e internalizada - fornecendo um arcabouço teórico essencial para compreender o ensino gramatical atual. A ênfase recai sobre a gramática normativa, ainda amplamente adotada no contexto educacional, destacando suas limitações e a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas. A metodologia do estudo é detalhada, incluindo uma análise bibliográfica e a proposição de um plano de aula dinâmico e interativo. A análise

dos dados aborda a evolução conceitual do sujeito na gramática, revelando as complexidades e ambiguidades inerentes ao tema. Por fim, as considerações finais reforçam a importância de uma abordagem mais participativa e significativa no ensino de gramática, visando promover uma aprendizagem mais eficaz e reflexiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Analisar as concepções de sujeito apresentadas nas gramáticas, e estudar metodologias ativas e dinâmicas para este ensino é o foco do trabalho. Para tanto, iniciamos abordando sobre as concepções divergentes de gramática: a normativa, a descritiva e a internalizada, conforme exposto por Travaglia (2009). Essas abordagens fornecem um contexto essencial para compreender o amplo espectro do ensino de gramática, desde práticas prescritivas até métodos que valorizam a linguagem em uso. A gramática normativa, tradicionalmente dominante no contexto educacional, é caracterizada por sua natureza prescritiva, enfatizando a aderência a regras fixas e considerando desvios como erros. Contrapondo-se a isso, a abordagem descritiva busca compreender a língua tal como ela é empregada nas várias facetas da vida cotidiana, reconhecendo a riqueza das variações linguísticas. A gramática internalizada, por sua vez, reflete uma compreensão mais profunda da competência inata dos falantes, focando na adequação da linguagem aos diferentes contextos de interação comunicativa.

Neste trabalho, focaremos apenas nas normativas, tendo em vista que ainda hoje costumam ser as mais adotadas por parte dos professores em suas preparações de aulas. Assim, exploraremos a visão tradicional da gramática normativa, conforme apresentado por Travaglia, e como essa abordagem prescritiva tem dominado o ensino de gramática, reforçando a ideia de "correto" e "errado" sem considerar as variações linguísticas e o uso real da língua. Dessa forma, foram analisadas as concepções sobre sujeito nas gramáticas de estudiosos como Bechara (2009), Ernani Terra (1992) e Cegalla (1998).

Prosseguindo, este estudo se aprofunda nas metodologias de ensino de gramática sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, refletindo sobre a indagação de que:

[o] estudo gramatical aparece nos planos curriculares de Português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do Ensino Médio, dominem a nomenclatura. Estaria a falha nos alunos? Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível. (BRASIL. Ministério da Educação, 2000, p. 16).

Assim, tal enfoque crítico destaca a necessidade de superar práticas

pedagógicas que isolam a gramática de seu contexto de uso, transformando-a em um saber meramente escolar e desconectado da prática linguística real. Com isso, o presente artigo se fundamenta nos estudos de Eloisa Pilati (2017), professora da Universidade de Brasília, que enfatiza a importância do conhecimento prévio do aluno, a busca por um entendimento aprofundado dos fenômenos linguísticos e a promoção de uma aprendizagem ativa. Para a pesquisadora, uma possível solução a essa questão reside na união entre os conhecimentos linguísticos atuais e uma metodologia de ensino baseada na aprendizagem ativa. Método capaz de oferecer um aprendizado mais consciente e crítico, incentivando os estudantes a se envolverem ativamente no processo de aprendizagem e a relacionarem o conteúdo gramatical com situações reais e relevantes. Como citado, promover uma aprendizagem significativa da gramática é um desafio em algumas escolas, assim, o estudo de metodologias aplicadas de ensino é o caminho para lidar com essa lacuna. Dessa forma, levando em consideração as teorias que regem a língua, destaca-se a abordagem da Linguística Ativa, uma perspectiva de ensino que combina diferentes teorias e metodologias.

Outrossim, considera-se a perspectiva de Alves e Biachin (2010) sobre o papel dos jogos no desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças. Dessa forma, são vistos como ferramentas pedagógicas, podendo enriquecer significativamente o processo de aprendizagem. Jogos não apenas estimulam o engajamento e a motivação dos alunos, mas também facilitam a construção do conhecimento linguístico de maneira mais intuitiva e contextualizada. Esse enfoque lúdico promove uma experiência de aprendizado mais integrada e efetiva, alinhada aos objetivos de desenvolver habilidades comunicativas reais e aplicáveis. Assim, argumenta-se a favor do uso de recursos lúdicos como meio para engajar os alunos no aprendizado de gramática de maneira que busque ser mais significativa e eficaz.

Para isso, é apresentada uma proposta de plano de aula para o professor da educação básica. De acordo com Libâneo (1994), o contexto escolar é composto por modalidades de planejamento conforme o nível de abrangência. Dando enfoque no plano de aulas, “É um detalhamento do plano de ensino. As unidades e subunidades (tópicos) que foram previstas em linhas gerais são agora específicas e sistematizadas para uma situação didática real.” (p. 241). Assim, enquanto o plano de ensino serve como um guia abrangente para o curso ou disciplina, estabelecendo objetivos gerais; conteúdos; metodologias e avaliações para um período letivo, o plano de aula é um instrumento mais detalhado e específico. Como forma de traduzir os objetivos gerais do plano de ensino em objetivos de aprendizagem concretos para cada aula, detalhando as estratégias de ensino, os recursos necessários e as atividades de avaliação. Esta abordagem sistemática permite ao educador adaptar o conteúdo e os métodos às necessidades reais dos alunos, facilitando um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e alinhado aos objetivos educacionais mais amplos.

Destarte, a fundamentação teórica deste trabalho articula-se em torno da

compreensão das variadas concepções de sujeito na gramática. Ao destacar a predominância da gramática normativa nas práticas pedagógicas atuais e examinar as propostas metodológicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o estudo evidencia uma lacuna significativa entre o ensino tradicional de gramática e a necessidade de abordagens que valorizem o uso real da língua. Além disso, a pesquisa enfatiza a importância de metodologias de ensino ativas e lúdicas, como proposto por Eloisa Pilati e apoiado pela utilização de jogos educacionais, sugerindo que tais estratégias podem oferecer caminhos para um aprendizado mais significativo e engajador. Portanto, ao propor uma integração consciente entre teoria e prática pedagógica, este estudo busca não apenas expor as discussões sobre o ensino de gramática, mas também contribuir para a evolução das práticas educativas, enfatizando a importância de um ensino de gramática que seja tanto reflexivo quanto aplicado, visando a uma maior eficácia no processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Neste estudo, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa e aplicada, com foco na análise bibliográfica para embasar nossa investigação. Seguindo a definição de Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica foi conduzida através da compilação e análise crítica de materiais já publicados, como livros e artigos científicos, e especificamente, gramáticas para a discussão sobre o tema do *sujeito* e suas diversas definições. O propósito desta metodologia é duplo: primeiro, buscar compreender estas diferentes perspectivas, e segundo, propor uma atividade aplicada sobre esses conhecimentos através do desenvolvimento de um plano de aula para o 7º ano do ensino fundamental.

O conteúdo planejado para o plano de aula visa explorar o conceito de sujeito de forma ampla, abrangendo suas várias definições e aplicações em contexto gramatical. O objetivo principal é proporcionar aos alunos uma compreensão reflexiva sobre o termo *sujeito*, capacitando-os a identificar e aplicar corretamente o conceito em diferentes textos. Para isso, a metodologia aplicada inclui uma série de etapas didáticas, iniciando com a seleção criteriosa de definições gramaticais que serão exploradas durante as aulas. A abordagem pedagógica é enriquecida com a incorporação de elementos lúdicos e interativos, como a análise de personagens literários, a criação de cartas que sintetizam os conceitos estudados, e a implementação de um jogo pedagógico. Assim, o plano de aula é estruturado da seguinte forma:

I. Objetivos

- Ampliar a compreensão dos estudantes para identificar as diversas definições do sujeito na estrutura gramatical;

- Estimular o raciocínio crítico e a aplicação prática do conhecimento teórico sobre o sujeito em textos;
- Engajar os alunos no processo de aprendizagem através de métodos dinâmicos e interativos.

II. Conteúdo

Definições e tipos de sujeito na gramática: sujeito explícito, oculto, indeterminado, e oração sem sujeito.

III. Metodologia

A aula será dividida em etapas, cada uma destinada a explorar o tema de maneira interativa e reflexiva:

a. Introdução Teórica

- Apresentação das definições gramaticais de sujeito.
- Discussão sobre a importância do sujeito na construção de frases e textos.

b. Exploração de Personagens

- Análise de personagens em diferentes textos para identificar os tipos de sujeito;
- Atividade em grupo para discutir os achados e compartilhar com a classe.

c. Atividade "Carta ao Sujeito"

- Criação de cartas endereçadas a um sujeito imaginário, aplicando as definições estudadas;
- Seleção de algumas cartas para leitura em voz alta, promovendo a discussão sobre os tipos de sujeito utilizados.

d. Jogo Pedagógico

Implementação de um jogo educativo focado na identificação do sujeito. O jogo foi inspirado no tradicional tabuleiro do xadrez, matendo suas principais regras, conforme consta na tabela abaixo:

Tabela 1 – Movimentos das peças no xadrez

Peças	Movimentos
Peão	Desloca-se adiante, linearmente, ocupando um espaço por movimento. Na posição inicial, pode progredir duas casas (conforme a escolha do jogador). Não realiza movimentos retrógrados. Ao alcançar a última fileira oposta (oitava linha), ocorre a promoção, possibilitando a substituição por qualquer outra peça, exceto pelo rei.
Torre	Desloca-se verticalmente ou horizontalmente, percorrendo a quantidade de espaços desejada, desde que não encontre obstáculos pelo caminho. Peças aliadas restringem o trajeto até a posição imediatamente anterior, enquanto peças oponentes podem ser removidas do tabuleiro.
Bispo	Avança diagonalmente sem restrições, cruzando o número de espaços escolhido, contanto que o caminho esteja livre. O bispo permanece sempre sobre casas da mesma cor durante todo o jogo.
Cavalo	Executa movimento em forma de "L", deslocando-se uma unidade na direção da torre (vertical ou horizontal) seguida de uma na direção do bispo (diagonal). O privilégio de transpor peças no trajeto é exclusivo do cavalo.
Rainha	Opera livremente em qualquer direção, combinando os movimentos da torre e do bispo (vertical, horizontal e diagonal).
Rei	Age segundo os padrões da rainha/dama, porém limita-se a avançar uma casa por vez. As limitações do rei incluem as posições controladas pelo oponente, impedindo que se exponha a um xeque.

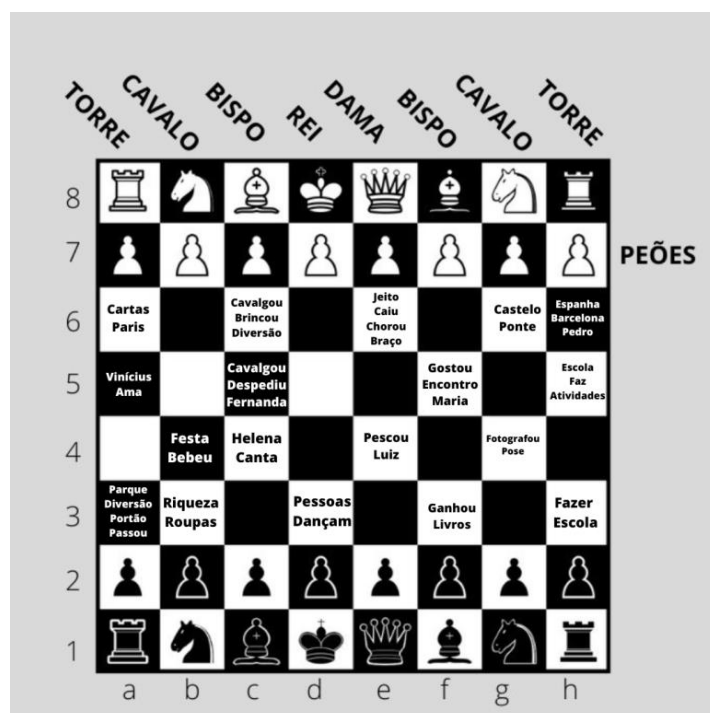
Fonte: Oliveira (2024)

No xadrez, o jogo de estratégia entre dois oponentes é marcado não apenas pelo posicionamento inteligente das peças no tabuleiro, mas também pela captura das peças do adversário, um processo que reduz as opções do oponente e pode levar ao xeque-mate do rei, ocasionando no fim da partida.

Quando uma peça é capturada no xadrez, ela é removida do tabuleiro, com a única exceção sendo o rei; a captura do rei é teoricamente impossível, pois sua "captura" é impedida pelo xeque-mate, o que termina o jogo. A peça que realiza a captura então ocupa o espaço anteriormente ocupado pela peça capturada. A exceção notável a essas regras de captura é o peão, movimentando-se para frente, mas captura peças adversárias que estão posicionadas uma casa à diagonal frente em relação à sua posição. Além disso, um peão que encontra uma peça adversária diretamente à sua frente fica bloqueado, pois não pode capturá-la ou mover-se para a casa ocupada por essa peça. Essa limitação reforça o papel do peão como uma peça que avança cautelosamente, criando barreiras e oportunidades para as peças mais poderosas.

Assim, adaptando para o ensino sobre o sujeito gramatical de forma lúdica, criamos o *Xadrejeito*:

Figura 1 – Xadrejeito



Fonte: Oliveira (2024)

Nesta adaptação, ao andar com a torre, cavalo, bispo, rei e rainha, e parar em alguma casa que contenha substantivos e/ou verbos, o jogador deverá formular uma frase que contemple estas palavras e que faça da peça em questão o sujeito da oração. Exemplificando: caso a peça *cavalo* pare na casa que contenha “ponte castelo”, uma sentença, como “O cavalo do castelo atravessou a ponte.”, deverá ser formada para que a jogada seja concluída. Assim, com a frase formulada, o jogador deverá identificar o sujeito simples: o cavalo.

Buscando trabalhar com os demais tipos de sujeito classificados nas gramáticas, quando uma dessas peças mencionadas fizer o movimento que resulte na captura da peça do oponente, o sujeito deixa de ser simples para se tornar composto. Assim, uma das palavras na casa em questão se juntará à peça que naturalmente já é sujeito simples, e formarão a estrutura com dois núcleos. Na mesma situação do parágrafo acima, uma das opções seria: “O cavalo e a ponte já faziam parte do castelo.”, resultando em uma oração com sujeito composto. Dessa forma, a regra se aplica aos demais casos, deixando a escolha da palavra que se juntará à peça a critério do competidor, desde que esteja no tabuleiro.

Em relação ao movimento dos peões, o jogador terá a opção de classificar cada situação como tendo um sujeito indeterminado ou elíptico. Por exemplo, ao parar na casa “pessoas dançam”, com formulação da frase “Vê-se pessoas que dançam na festa.”, o jogador classificaria como sujeito indeterminado, pois a estrutura linguística expressa a ação do verbo, mas seu agente não é especificado na oração. Outra opção seria utilizando o mesmo exemplo da casa, formular “Viste as pessoas que dançam na festa?”, onde o sujeito é elíptico (tu), não expresso na oração, mas identificável pelo contexto ou pela desinência verbal.

5. Recursos Didáticos

- Textos literários e não literários para análise de personagens;
 - Materiais para a criação de cartas (papel, canetas, envelopes);
- Jogo pedagógico preparado pelo professor.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise da evolução conceitual do termo *sujeito* nas gramáticas da língua portuguesa, a partir de obras de diferentes períodos e autores, revela um panorama complexo de interpretações e aplicações que se entrecruzam e divergem ao longo do tempo. Como dito, este artigo visa explorar essas incoerências e relações a partir de uma compilação de diversas obras, iniciando com João de Barros (1496-1570) até chegar às concepções contemporâneas de gramáticos como Domingos Paschoal Cegalla, Ernani Terra, Evanildo Bechara e Mário Alberto Perini.

João de Barros define o nominativo *como aquele que deve concordar em número e pessoa com o verbo*, uma concepção que ressoa a ideia tradicional de sujeito, levando em consideração o verbo da oração para identificá-lo. A afirmação do autor pode gerar algumas inconsistências na prática escolar devido a sua incompletude. Embora essa concepção tradicional seja útil para identificar o sujeito em muitos casos, ela pode não abordar situações mais complexas da língua portuguesa, levando a interpretações errôneas ou simplificadas. Por exemplo, em estruturas passivas, onde o sujeito da ação é colocado em posição de complemento, não há concordância direta com o verbo, o que pode confundir os alunos que seguem rigidamente a definição de Barros. Além disso, há casos de sujeitos elípticos, onde o sujeito não é explicitamente mencionado na frase, desafiando, mais uma vez, a ideia de que o sujeito sempre concorda com o verbo em número e pessoa.

Avançando no tempo, Evanildo Bechara (2009) amplia essa definição, considerando o sujeito não apenas em termos de concordância, mas como um sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal, configurando, assim, a estrutura da oração. Embora seja uma perspectiva mais abrangente e detalhada, essa definição também pode apresentar algumas inconsistências quando aplicada em contextos específicos da língua. Por exemplo, em frases com sujeitos indeterminados, onde o sujeito não é especificado, a relação predicativa com o núcleo verbal pode ser difícil de identificar. Além disso, também em construções passivas, a definição de Bechara pode não se aplicar de forma direta, uma vez que o foco principal da frase está no objeto da ação, e não no sujeito em si. Portanto, embora essa classificação ofereça uma compreensão mais ampla do sujeito, é importante reconhecer as limitações e as possíveis

incoerências que podem surgir ao aplicá-la em diferentes contextos gramaticais.

No entanto, Mário Alberto Perini (2006), gramático descritivista, por sua vez, observando as problemáticas, traz à tona questões pertinentes à identificação do sujeito e à ambiguidade potencial na concordância verbal. Segundo o gramático, em ““O gato arranhou Toninho”, a relação de concordância não é clara, porque arranhou pode, por sua forma, estar concordando tanto com o gato quanto com Toninho.” (p. 107-108). Dessa forma, Perini destaca a possível dupla interpretação, levando em consideração as definições anteriores do sujeito, ilustrando a complexidade inerente à análise sintática e a sua identificação, que por vezes, não é abordada de forma satisfatória nas definições mais tradicionais. Destacando, assim, a importância de uma análise mais aprofundada e contextualizada da estrutura gramatical, indo além do que as gramáticas normativas propõem.

Além disso, Bechara segue sua definição com “O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado.” (p. 499), tal conceito permite outro contraponto nas observações de Perini sobre casos em que o sujeito aparece após o verbo, como em “Chegou o carteiro”. Ao confrontar a afirmação de Bechara, surge uma problematização em relação à rigidez das regras gramaticais, o que deve ser levado em consideração ao levar o assunto a sala de aula. Embora o autor classifique o sujeito posicionado à esquerda do predicado, situações como a que Perini aborda desafiam essa norma. Percebe-se, com isso, que essa variação na posição do sujeito contradiz a definição nessas gramáticas e mostra, mais uma vez, a flexibilidade sintática da língua, que não se encaixa perfeitamente nas molduras normativas estritas.

Ernani Terra (1992) e Domingos Paschoal Cegalla (1998), cada um a seu modo, definem o sujeito como *aquele sobre o qual se faz uma declaração*, uma conceitualização que, embora pareça simples, abre espaço para interpretações variadas quando confrontada com exemplos reais de uso da língua, que apresentam estruturas sintáticas complexas e ambíguas. O exemplo “Estes meus dois excelentes romances foram escritos pelo maior escritor brasileiro, João Guimarães Rosa” ilustra bem essa complexidade, apresentando um sujeito paciente na voz passiva que, segundo as definições tradicionais, poderia não ser imediatamente reconhecido como tal.

Ainda sobre a definição de Terra e Cegalla, ao colocar como sujeito aquilo que se faz uma declaração, abriria margem para o sujeito ser constatado tanto como os “dois romances” quanto como “Rosa”, pois algo é declarado também sobre este, sendo colocado como o maior escritor brasileiro. Com isso, ao considerar a concepção de sujeito proposta pelos autores, é possível perceber que a identificação deste elemento não se restringe apenas à análise superficial da estrutura gramatical. Pelo contrário, requer uma compreensão mais profunda das relações semânticas e pragmáticas presentes no contexto da comunicação linguística. Nesse sentido, a análise do sujeito em um enunciado deve levar em conta não apenas sua função sintática, mas também o papel que desempenha na

construção de significados e na expressão da intencionalidade do falante. Essa perspectiva amplia as possibilidades de análise e interpretação, permitindo uma compreensão mais abrangente e precisa dos enunciados linguísticos.

Ainda acerca dessa discussão, alguns gramáticos – de cunho normativista – como Antonio José dos Reis Lobato (1770), em sua obra “Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa”, classificou como sujeito o que *exercita a significação do verbo*. Entretanto, ao definir o sujeito como o ser que pratica a ação, margens para incoerências surgem, como já visto no exemplo do *Guimarães Rosa* em que o sujeito é *os romances* e não quem os escrevera. De modo similar, nota-se a mesma problemática com as orações “O bolo foi assado pela minha avó” e “O problema foi resolvido pelos engenheiros”. Nestas frases, o sujeito é o bolo que está sendo assado; e o problema resolvido, respectivamente, e não quem realiza a ação. Por conseguinte, a análise de exemplos concretos, como os mencionados anteriormente, demonstra que a definição tradicional de sujeito pode ser insuficiente para capturar toda a complexidade e diversidade da linguagem em uso.

Ao concluir esta análise da evolução conceitual do termo sujeito na gramática da língua portuguesa, torna-se evidente a complexidade e a riqueza das interpretações que permeiam diferentes períodos e autores. Desde as definições mais antigas, como a de João de Barros, que enfatizam a concordância com o verbo como critério principal, até as abordagens mais contemporâneas, como as de Terra e Cegalla, que destacam a relação semântica e pragmática do sujeito com o discurso, há uma diversidade de perspectivas que enriquecem nossa compreensão sobre esse elemento linguístico fundamental. No entanto, ao mesmo tempo em que essas definições oferecem percepções valiosas, também revelam inconsistências e limitações que devem ser consideradas, especialmente no contexto do ensino em sala de aula.

Dessa forma, a evolução das definições e abordagens do conceito de sujeito na gramática da língua portuguesa demonstra não apenas o dinamismo da linguística como campo de estudo, mas também as dificuldades práticas na aplicação de regras gramaticais que nem sempre contemplam a riqueza e a variabilidade da língua. A compreensão dessas incoerências e a busca por abordagens mais inclusivas e representativas dos usos reais da língua tornam-se, portanto, essenciais para o avanço dos estudos linguísticos e para o ensino da gramática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, a pesquisa sobre as variações nas definições do termo *sujeito* ao longo dos períodos históricos destaca a complexidade inerente à compreensão desse conceito gramatical. A proposta de desenvolver um material didático-pedagógico, incluindo jogos interativos, visa refletir sobre as inconsistências conceituais e proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda e participativa. A análise diacrônica das definições, desde João de Barros até autores contemporâneos, revela abordagens diversas, suscitando interpretações distintas e, por vezes, conflitantes. O trabalho contribui para novas perspectivas no ensino da gramática, destacando a importância de tornar o processo de aprendizagem mais envolvente e eficaz. Assim, a metodologia qualitativa, com base bibliográfica e aplicada, aliada à abordagem inovadora de Eloisa Pilati, reforça a necessidade de uma compreensão ativa da gramática nas línguas naturais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L.; BIANCHIN, M. A. **O jogo como recurso de aprendizagem**. Revista Associação Brasileira de Psicopedagogia. v. 27 n. 83, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Brasília, 2000, p. 16.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.
- TERRA, Ernani. **Gramática de Hoje**. 6. ed. Scipione, 1992/1999.
- BARROS, João de. **Compilação de Varias Obras do Insigne Portuguez**. 1496-1570.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Edição Revista, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOBATO, Antonio. **Arte da grammatica da lingua portugueza**. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.
- PERINI, Mário A. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PILATI, Eloisa. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2017.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.



THE GRAMMATICAL SUBJECT IN PROSPECT: diachronic analysis and pedagogical strategies

Maria Izabel Alves de Oliveira¹

Fernando Augusto de Lima Oliveira²

Paulo Henrique Alves da Silva³

Abstract

Analyzing the variations in the definitions of the term "subject" in the grammatical context across different historical periods is what the present study suggests. Therefore, the research aims to examine the inconsistencies existing in the definitions of the term in grammars, seeking to contribute to the understanding by students and teachers. Thus, considering the development of didactic-pedagogical material based on this assumption, a lesson plan was devised that includes the use of educational games as a tool to address the concept of the subject in an interactive and practical way, providing students with an opportunity for a deeper and more participatory understanding of this grammatical concept. Through a diachronic analysis of its definitions found in Portuguese Language Grammars from 1496 with João de Barros to more contemporary authors, different approaches are highlighted that may lead to different and sometimes conflicting interpretations. Thus, the relevance of the research lies in its contribution to new perspectives on grammar teaching, seeking to overcome conceptual inconsistencies and make the learning process more engaging and effective. Therefore, the methodology adopted in this work is qualitative, bibliographic research, as the study relies on an analysis of Portuguese Language Grammars, and applied, considering it brings an intervention proposal for the classroom context with the game as a pedagogical tool. Furthermore, in addition to the various grammars used in the study, it includes references to the studies of Eloisa Pilati, who proposes the Methodology of Active Linguistic Learning, offering new perspectives for grammar teaching.

Keywords:

Didactic-pedagogical; Grammar; Subject.